



REDATOR PRINCIPAL

ALEXANDRE VIEIRA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

EDITOR - JOAQUIM CARDOSO

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Combro, 38-A, 2.º

Lisboa - PORTUGAL

Endereço telegráfico: *Talhão-Lisboa* • Telefone 5389 Q.

Oficinas de impressão - Rua da Atalaia, 114 e 116

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ - PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Não alimentemos ilusões!

O cumprimento dum mandado sindical impedi que quem estas linhas escreve assistisse anteontem ao comício promovido pela União dos Sindicatos Operários de Lisboa em favor dos ferroviários do Estado. Não tendo, pela razão indicada, assistido ao referido comício, sabemos, todavia, que nele se produziram afirmações que não podem passar, por mais dum motivo, sem alguns reparos de *A Batalha*.

Entendemos que os oradores que falam à multidão, sobretudo quando o fazem não em seu nome pessoal, mas no dos organismos operários a que pertencem, devem pronunciar-se de maneira que as suas palavras não possam dar lugar a equívocos ou servir a alimentar ilusões, porque de equívocos e de ilusões está a classe operária saturada.

Mas a verdade é que, por vezes, alguns militantes operários, falando em nome dos seus sindicatos e olhando apenas as próprias faculdades combativas e não das agrupamentos em nome dos quais se expressam — o que, em sindicalismo, é uma posição falsa — disserem de maneira que em vez de orientar, desorientam, embora acreditemos que alguns desses militantes não fazem intencionalmente, mas levados pelo entusiasmo que os anima. O pior é que tal entusiasmo desaparece geralmente em face das cruas realidades.

E por que sucede assim, nós, que aliás estamos muito longe de ser scepticos, preferimos a semelhantes manifestações de arrebatamento de alma a observação rigorosa dos acontecimentos, visto que se nos afigura que não há melhor maneira de obter uma opinião raciocinada e um procedimento consequente.

Não estamos livres — a crítica é fácil — de que alguém nos acoime de conservadores por manifestarmos este critério, que aliás não é de hoje; mas afigura-se-nos que não somos semelhante causa alguma-nos sindicalistas revolucionários.

Já os leitores perceberam que estas considerações veem a propósito do discurso produzido no comício de anteontem por um orador que falou em nome da Associação da Classe dos Operários Manipuladores de Pão de Lisboa, orador que, como se lia no último número deste jornal, acusou a C. G. T. de «deixar os ferroviários faltar absolutamente sóis, sem que tomasse uma resolução energica», a qual resolução energica seria a greve geral, tendo o mesmo orador feito uma afirmação ainda mais grave, porquanto declarou a seguir que «o fracasso da greve é da responsabilidade da C. G. T.», a qual, segundo ele, «o operariado deve pedir explicações». O delegado da Associação dos Operários Manipuladores de Pão — e só por essa sua qualidade haver profundo aquelas palavras elas assuam o seu, quanto a nós, uma certa gravidade — terminou por dizer que o momento não é... para ressóricas!

Pois precisamente o orador que assim condenou a retórica, outra grossa não produziu senão — retórica. Retórica e da não menos inofensiva.

Se o representante da Associação dos Operários Manipuladores de Pão andasse mais embrenhado nas causas da organização sindical — se admitirmos que não anseia, porque do contrário haveria risco que considerá-lo dotado de má-fé — saberia que a C. G. T. não deixou os ferroviários absolutamente sóis, visto que, dentro das suas possibilidades, lhes prestou maior assistência. Se a C. G. T. não proclamou a greve geral a resolução energica a que o mesmo orador aludiu — não foi porque não o houvesse tentado, mas porque algumas das principais corporações operárias de Lisboa, sobretudo as de transportes, excepto uma destas — ao contrário do que se verificou em relação a grande parte das classes da província — não lhe garantiram a indispensável adesão.

Alexandre VIEIRA

Teatro de S. Carlos

Amanhã, pelas 21 horas, deve realizar-se na sala de espectáculos do teatro de S. Carlos, uma conferência sobre a ópera *Parfai*, que precederá a próxima abertura da actual época lúrica.

Será conferente o sr. Luís de Freitas Branco.

DEBATE DE OPINIÕES

O SINDICALISMO

e as suas tendências políticas e comunistas

O sindicalismo, levado pelos acontecimentos, transformou-se em organismo com fins políticos, em contrário à feição que mostrou inicialmente, afirmando a autonomia do indivíduo no sindicato e a indiferença deste organismo pelas escolas políticas, filosóficas e religiosas dos seus elementos componentes.

Documentemos.

Tem a palavra o comunista anarquista Manuel Joaquim de Sousa, actual secretário da C. G. T. (vide *A Batalha* de 14 de Março de 1920).

Diz ele:

«A organização sindical, que é composta de elementos heterogêneos quanto a ideias e crenças, tem contudo um objectivo comum a todos os seus componentes: a emancipação económica e política do proletariado...»

Na verdade os indivíduos quando entram para os sindicatos não o fazem com o espírito preconcebido de trabalharem por uma sociedade nova. É a ideia fixa de melhorarem imediatamente de situação, de resistirem à tirania patronal que os agrupa. Todavia, a prática da luta leva-os a compreender que a batalha não será finda sem que o inimigo esteja inteiramente aniquilado e impossibilitado de renovar a luta.

Nas lutas contra o patronato intervém o movimento dos camaradas ferroviários tivesse desfecho diferente do que teve, mesmo no caso de que a C. G. T. houvesse podido proclamar a greve geral, e admitindo que esta pudesse ter sido de facto uma autêntica greve geral. E, se para precisar, demonstraremos, fundamentando a nossa argumentação não em simples palavras, mas nas ligações dos factos. E há tantos e tamanhos eloquentes!

Mas o delegado da Associação dos Manipuladores de Pão não foi apenas menos verdadeiro. Foi cumulativamente ilógico, o que dobradamente é para lamentar.

Atribuir à C. G. T. o papel de promotor da ação operária, quando lhe cabe o de simples coordenadora, é desconhecer os mais elementares princípios de sindicalismo, consignados aliás no estatuto confederal, princípios que ensinam que o impulso vem de baixo, dos sindicatos, as células vitais do movimento sindicalista.

É desconhecer igualmente a prática da vida operária, tam rica em exemplos.

Pretender, portanto, que a C. G. T. promova quaisquer movimentos, quando a sua função é concatená-los, movimentos que devem ser antes o reflexo do sentimento da massa organizada, é não só um erro, mas também atrair à central de sindicatos um papel providencialista, que se não casa com a orientação moderna da classe operária, essencialmente.

No desenvolvimento e prática das lutas sindicais o operariado aprecece-se sem dificuldade desta rede vasta de meios de ação que se opõe aos seus desejos de emancipação e então, sem estudar o socialismo doutrinário nos livros, nos panfletos e nos jornais, verifica que tem que derruir todo o sistema burguês e edificar sobre os seus escombros uma sociedade nova.

O operariado quer a sua emancipação económica e política, e como essa

emancipação é inconciliável com o sistema burguês, tem necessariamente de cair num sistema socialista que lhe dê a posse dos instrumentos de produção e o poder completar essa conquista com a organização dum sistema político que se coaduna e adapta às novas fórmulas económicas.

O caso dum organismo composto de elementos heterogêneos quanto a ideias e crenças realizar uma emancipação política e económica que satisfaça o sentimento colectivo sindical, parece-se muito com o milagre da pereira produzir ananases. Não a organização operária é socialista, fundamentalmente socialista.

O gênio político de Lloyd Georges parece avisar-nos duma realização que conseguida será o maior triunfo político. Lloyd Georges em conversações com o correspondente em Londres da « Tribune de Chicago», que exerceu uma ação importante nesta questão, mostrou que está em contacto com os dirigentes do movimento sindicalista.

Salvador Segui, como repararam, claramente no poder dos sindicatos e Manuel Joaquim de Sousa expressa-se por forma diferente.

Negar à C. G. T. o direito à direcção da vida social é negar o sindicalismo na sua finalidade, porque, não tenham ilusões, éste quer a conquista do poder.

Pela ação parlamentar? Não, pela revolução, pela sua revolução. E Manuel Joaquim de Sousa o que pretende é a revolução anarquista. Estamos longe dela.

Mas haverá entre nós um desacordo irreconciliável? Não há. Demonstra-se que o sindicalismo realiza em sociologia aquilo a que em química biológica se chama *osmose*, isto é, estabelece o equilíbrio da concentração.

C. G. T.

Conselho Confederal

Para apreciar o relatório sobre a intervenção da C. G. T. no conflito ferroviário, reúnem hoje, pelas 20 horas, os delegados do Conselho Confederal, com a presença da comissão pró-ferroviários e os delegados que foram à província.

A Irlanda revolucionária

Parte da cidade de Cork destruída pelas chamas

LONDRES, 13. — Uma parte da cidade de Cork foi destruída pelas chamas. Um camion automóvel, transportando forças auxiliares, caiu numa emboscada às 16 horas da noite de sábado. Em seguida forças auxiliares saíram das suas casernas e lançaram fogo à cidade, ardeu completamente mais de 50 casas, sendo os prejuízos avaliados em muitos milhões de libras esterlinas. — Rádio.

Máquinas que fabricam centenas de bombas por mês

LONDRES, 13. — Continuam as lutas na Irlanda. Foram descobertos mísseis capazes de fabricarem centenas de bombas por mês; e a polícia descobriu cerca de duzentas bombas já fabricadas. Os documentos que tem sido apreendidos contêm importantes revelações. Em Cork doze auxiliares foram feridos gravemente numa emboscada à distância de meia milha dos seus quartéis. Foram atiradas bombas para um automóvel que conduzia polícias auxiliares. Os assaltantes fugiram. — Rádio.

Há tendências para a paz?..

LONDRES, 13. — A imprensa discute as possibilidades dos sinn-feiners aceitarem os oferecimentos de Lloyd Georges.

Em vista dos desapontamentos que tem ocorrido no passado quando a questão irlandesa parecia prestes a liquidar-se, os jornais aconselham a que o governo conformar as aspirações do povo, fazendo justiça aos que trabalham. Mais uma vez os governos provaram a sua amizade às classes trabalhadoras. Quem quer mais um pedaço de pão, em vez de o mendigar, o reclama altivamente, é fechado na prisão e espancado.

E é assim porque?

a) Porque o sindicalismo, realizando a emancipação do trabalho pela socialização da propriedade e dos meios de produção, tem forçadamente de criar a sua possibilidade imediata e integral, como deixam transparecer os seus escritos.

b) Porque o comunismo é uma tendência do espírito humano, que sempre respeita aos seus serviços públicos, como poderá ele manter-se neutral?

c) A crescente afeição que o capitalismo estende a sua influência directa a todos os organismos de administração pública e a todos os meios de que possa lançar mão para orientar e conduzir, em conformidade com os seus interesses, a opinião pública. Assim, é cosa fácil encontrar na mesma empresa financeira, industrial ou comercial, directores e gerentes que pertencem aos mais distanciados partidos políticos que detêm o predominio na administração da causa pública. Do mesmo modo, os jornais de grande circulação são propriedade e recebem a influência dos homens da finança, da indústria e do comércio.

O primeiro ministro disse na segunda-feira que havia de trabalhar tanto ardorosamente no seu gabinete a favor da paz com a Irlanda, como trabalhado no seu tratamento das relações comerciais com a Rússia.

Julgava-se geralmente que o quebrar a organização sindical era apenas uma questão de tempo e se não fossem as emendas da Câmara dos Lordes ao projeto sobre a Irlanda não teria sido mudada na política governamental.

Mas, persistentes pedidos dos irlandeses unionistas do Sul solicitando a autonomia fiscal deram uma arma a Lloyd Georges que ele se demorou a usar.

Houve dois milagres que o favoreceram: a conversão do Ulster e os conservadores desse país ao Home Rule e a aparição da Câmara dos Lordes como zelosa defensora do Home Rule, de modo que o que resta fazer, que é converter os sinn-feiners ao nacionalismo constitucional, parece uma coisa simples.

O gênio político de Lloyd Georges parece avisar-nos duma realização que conseguida será o maior triunfo político.

Ainda ontem, quando o deputado Dias da Silva fez sentir ao governo o facto a que acima nos referimos, da guarda estar instalada num edifício que não lhe pertence, o sr. Liberato, presidente de ministério, disse em aparte: «Assim é que é bom». Regostava-se, poe, o sr. Liberato, com uma injustiça sem nome, com qualquer causa que muitos se assemelhava a um abuso de confiança. O mais revoltante, porém, é uma medida tomada pela direcção, que anula o horário das 8 horas, que antes da greve estava em vigória, para o pessoal do movimento, ficando a trabalhar dez horas. — Rádio.

O primeiro ministro está convencido que os sinn-feiners aceitaram os seus oferecimentos.

E é assim porque?

a) Porque o sindicalismo, realizando a emancipação do trabalho pela socialização da propriedade e dos meios de produção, tem forçadamente de criar a sua possibilidade imediata e integral, como deixam transparecer os seus escritos.

b) Porque o comunismo é uma tendência do espírito humano, que sempre respeita aos seus serviços públicos, como poderá ele manter-se neutral?

c) A crescente afeição que o capitalismo estende a sua influência directa a todos os organismos de administração pública e a todos os meios de que possa lançar mão para orientar e conduzir, em conformidade com os seus interesses.

O gênio político de Lloyd Georges parece avisar-nos duma realização que conseguida será o maior triunfo político.

Acha-se constituída a Comissão Pró-Ferroviários Presos e Demitidos, à qual deve ser enviada nota, em carta ou por qualquer outra forma, da morada das famílias dos presos, pessoas de família a seu cargo, categoria e nome do ferroviário preso ou demitido, com indicação se militar ou não e local onde reside, ou prisão onde se encontra.

Estas informações devem ser claras. Toda a informação, pedidos, etc., devem ser enviados pelo correio ou em fax.

Comissão Pró-Ferroviários Presos e Demitidos. Redacção do jornal «A Batalha», Calçada do Combro, 38-A - Lisboa.

O Congresso extraordinário da Federação Sindicalista Internacional

Em virtude dum lapso de tipografia deu-se ontem por concluído o relatório dos trabalhos deste Congresso, que há dias vimos publicando em folhetim. O relatório não terminou ainda, pois faltam notas respeitantes ao encerramento do Congresso. Publicá-las hemos amanhã, com alguns documentos que supomos interessantes para uma perfeita apreciação dos trabalhos efectuados em Londres.

EM VOLTA DOS FERROVIÁRIOS

Os actos destroem as palavras

...Mas o governo diz que não exerce represálias

Os ferroviários regressaram ao trabalho sem condições. Esta atitude, que o governo dizia tomar na devida consideração, não exercendo represálias só sobre os componentes daquela classe, não foi respeitada. Raúl Esteves continua a ser demitido; as perseguições vão aumentando consideravelmente, estando a ser demitidos muitos ferroviários de várias categorias sendo outros submetidos a juntas médicas, sem motivo justificado, querendo ainda reformar-se alguns como *revanchistas* contra elas, por terem sido grevistas.

Os conflitos com os empregados superiores e a força armada estão a se produzindo como consequência lógica da disciplina que a continuação da mesma força está produzindo nos Caminhos de Ferro.

Mantêm-se presos alguns ferroviários em S. Julião da Barra e noutras prisões sem motivo justificado, não havendo neste país quem se antepõa aos desmandos e imposições de Raúl Esteves, apesar de haver um governo constituído. — A Comissão Executiva da Associação de Classe.

Federação da Indústria de Calçado, Couros e Peles

Este organismo envia-nos a seguinte nota, em que é confirmada a simpática resolução de que o seu delegado o nosso camarada Jerônimo de Sousa desconscreveu o nome no comício de domingo e que tanto aplaudido foi justamente pela multidão:

«A comissão administrativa da Federação de Indústria de Calçado, Couros e Peles comunica aos ferroviários do Sul e Sueste que, de acordo com um grupo de camaradas da indústria, resolvem concretar o calçado a todos os camaradas que forem demitidos. Para tal efeito devem dirigir-se à comissão administrativa, que reúne as quartas e sextas-feiras, das 20 e meia às 22 horas.

No Minho e Douro

Escreve-nos um ferroviário do Minho e Douro dizendo que naquela linha se exerceram represálias, porquanto grande número de ferroviários não foi admitido ao trabalho.

INQUILINOS E SENHORIOS

Indiferença de uns
Ganância de outros

Os senhorios não desarmam. Com a ci contra ou a favor, eles vão fazendo o que querem, sem que ninguém possa pôr um dique bem resistente às suas nianias.

O que vimos há dias pelo Alto do Pico é tudo quanto há de mais desumano. Porém, os senhorios continuam na disposição de repetir casos destes, que não são virgens, e levar a sua ganância a consequências muito piores.

Parce que os senhorios querem transformar a cidade num vasto acampamento. Isto, sór, não pode continuar assim. Os inquilinos temem que trarão sério dos seus interiores.

No Porto, A Fraternal dos Inquilinos, agremiação criada especialmente para defesa de quem precisa habitar, vai desenvolvendo a sua ação conforme pode. É necessário que os inquilinos sejam os primeiros por estabelecimento de medidas tendentes a facilitar os meios para a construção de prédios destinados à habitação do operariado e das classes médias desfavorecidas da fortuna.

A Fraternal dos Inquilinos fez distribuir um manifesto, do qual recordamos as seguintes conclusões, para que o público melhor e aprecie:

1.º Todas as disposições contidas na actual lei de inquilinato devem ser especialmente aprovadas pelo seu artigo 100º devendo ser sempre, em qualquer uma nova lei, que constitua direitos adquiridos, que em obediência aos ditames da boa razão e da justiça, de maneira alguma se podem deturpar.

2.º Os aumentos dos alugues carecem de terceira parte, sem que deva ser fixado, sór, o que assim se obter o máximo de desenvolvimento da produção e do continente, assim como o estabelecimento de medidas tendentes a facilitar os meios para a construção de prédios destinados à habitação do operariado e das classes médias desfavorecidas da fortuna.

3.º Garantia e direitos de habitação à viúva e filhos menores do inquilino, falecido igualmente ao que este usufruiu, desde que

O que será a remodelação da lei?

Diz-nos o nosso informador da Arca que a comissão da lei do inquilinato reuniu ontem no gabinete do ministro da justiça, passando parte dos proprietários, por indivíduos alheios aos preceitos da humanidade, não se lhes deve permitir o aumento do aluguer da propriedade que adquiriu já construída e habitada.

4.º Não deve ser permitida a profissão de subquilhista a qualquer indivíduo, quando dessa profissão resulte aumento de renda para o inquilino.

5.º A proibição em absoluto do aumento de renda sobre o limite máximo que elas atingem pelo valor da propriedade.

6.º A fixação dos despesas da propriedade, quando o inquilino pague os seus pagamentos, não ser por demolição ou expropriação por utilidade pública;

7.º Garantia e direitos de habitação à viúva e filhos menores do inquilino falecido igualmente ao que este usufruiu, desde que

comício a Casa Sindical estava repleta de trabalhadores, que comentavam as notícias dos jornais sobre a terminação da greve ferroviária. Entretanto, os grupos de trabalhadores sucediam-se, chegando a ponto das salas da sede da U. S. O. serem pequenas para comportarem tanto elevado número de indivíduos. Por fim, atendendo a que o comício tinha perdido a sua oportunidade, visto os camaradas ferroviários terem dado por terminada a luta, foi resolvido realizar-se uma pequena sessão, falando alguns camaradas dumna janela da Casa Sindical para a rua, atendendo a que era impossível acomodar famílias de número de assistentes no interior da sede.

Os camaradas que falaram denunciaram o grande significado daquela manifestação de solidariedade para os que tem os melhores ornamentos da organização operária — os ferroviários das linhas do Estado.

Antes de terminada a sessão, foi enviado um telegrama de saudação à Batalha, e outro ao presidente do ministério, concebido nos seguintes termos:

Classes trabalhadoras Póvoa de Varzim e Vila do Conde, reunidas conjuntamente, acreditando greve ferroviária, reclamam V. E. seja feita justiça classe ferroviária.

Terminada a sessão, seguiu aquela grande massa de povo, com os estandartes sindicais, em manifestação pelas ruas da vila, sendo erguidos ininterruptos vivas à classe ferroviária, Batalha, C. G. T., solidariedade operária, etc., vivas estes matizados de vez em quando com morras aos assambardadores, simbólicos culpados da situação precária em que se encontra a maioria do povo português.

Dirigiu-se a manifestação até Vila do Conde, realizando-se na sede dos sindicatos daquela localidade nova sessão, sendo preciso também falar-se dumna janela, atendendo ao grande número de manifestantes.

Os assambardadores das duas vilas supuseram ser aquele o dia do ajuste de contas, mas enganaram-se, porque o objectivo da manifestação era patente em público a simpatia da organização proletariata das duas vilas pelas ferroviários em luta com o patrão Estado, há 70 dias. Diversos estabelecimentos fecharam, por causa das dívidas, as vezes podia ser o dia... O xá deles, os causadores da miséria pública, saíram compreender o estado de espírito das suas vítimas e refrearam a sua ganância de forma a pacificar os espíritos.

Mas parece que estão interessados em levar o povo ao último grau de desespero!

Para evitar que o povo invadisse os estabelecimentos em busca daquilo que tanta falta lhe faz nos seus lares, atendendo a que os seus recursos financeiros não lhe permitem pagar pelo preço que a pirataria quer, saíram para a rua forças da guarda republicana, 3.º grupo da A. M. e companhia de equipes. A vila parecia estar em estado de sítio, não sendo permitidos ajuntamentos.

O que causou surpresa a muita gente foi as forças estarem concentradas junto do estabelecimento dos assambardadores desta vila, Guardam-lhes os estabelecimentos para eles poderem roubar à vontade e despreocupadamente!

No entanto, a U. S. O. pode estar satisfeita pela forma como as classes trabalhadoras corresponderam ao seu apelo.

As rusgas

Escreve-nos Manuel Ramos, proprietário dumha casa de comidas, dizendo que numa rua de S. Pedro de Alcântara, foi surpreendido por uma rusga, tendo-lhe sido aprendida uma navalha com saca-rolhas, que usa em sua casa e que lhe custaria há pouco tempo 1000.

Pedindo ao cabo que lhe restituisse, respondeu-lhe este que fosse ao governo civil reclamá-la, no dia seguinte. No governo civil disseram-lhe que a navalha tinha sido lançada ao rio.

Há muito tempo que a polícia costuma aproveitar-se das rusgas para apreender pequenos canivetes inofensivos, cujo destino desconhecemos.

Diz dia que vão para o Tejo...

A BATALHA
em COIMBRA

Os metalúrgicos — Comício pró-ferroviários — Pela propaganda da reunião operária

COIMBRA, 9. — C. — Na última reunião da comissão de propaganda associativa da U. S. O. ficou resolvido distribuir um manifesto-convite aos operários metalúrgicos com o fim de convocar uma reunião magna da classe, para reorganizar, em bases sólidas, o sindicato profissional, há muito estacionário.

E' de esperar que os camaradas da metallurgia se compenetrem da necessidade de estarem fortemente organizados e acorrerm ao chamamento que lhes vai ser dirigido, numa afirmação de consciência e vitalidade, a fim de tornarem o lugar que lhes compete dentro do movimento operário.

Em face dos camaradas ferroviários do Sul e Sueste e Minho e Douro já terem resolvido retomar o trabalho, já se não realiza naquela província segunda-feira o comício público levado a efeito pela União Local dos Sindicatos e que promete revestir extraordinária imprensa, dada a simpatia que o movimento dos ferroviários tinha entre o proletariado consciente desta cidade.

O Núcleo Juventude Anarquista reuniu, resolvendo activar a propaganda dos princípios libertários e publicar um apelo a todos os grupos anarquistas para constituir a Federação Anarquista na Região Portuguesa, que ao lado da organização sindical dos trabalhadores, constituirá a organização do pensamento da ação.

Resolreu também continuar activando a instalação da biblioteca pública na sede da Casa dos Trabalhadores.

A conferência que o camarada Juliano Ribeiro, do Porto, aqui estava para realizar subordinada ao tema — Os partidos políticos e a Revolução Social — ficou transferida para o próximo mês de Janeiro.

Com o nome Grupo Dramático de Propaganda Social acaba de se constituir nesta cidade um grupo que se destina a iniciar pelo teatro uma obra de regeneração humana levando à cena peças de educação livre e social.

A sua sede é no elegante Teatro da Casa dos Trabalhadores, onde exercerá a cargo dos camaradas Eurico Ferreira, Pedro de Assunção e João Vieira Alves.

Os operários dos serviços municipais vêem aqui constituir um sindicato que abrange todo o pessoal das Águas, Gás, Electricidade e empregados de Escritório, tendo feito distribuir um manifesto-convite para uma reunião que se vai realizar.

Da constituição desse sindicato advêm grandes vantagens não só para os camaradas que dele tomam parte em lutas que tenham de empregar contra os seus empregadores, como também para a organização operária em geral, pois que em si encerra classes que pela sua função social e utilidade pública dão grande prestígio ao movimento operário.

Os operários manipuladores de massas, bolachas e farinhas acabam de apresentar ao patronato uma petição de aumento de salário. Caso as suas justas reclamações não sejam atendidas declarar-se-ão em greve na próxima segunda feira incluindo o pessoal da fábrica nacional do moagem.

Já foi inaugurada na sede da União dos Sindicatos Operários a magnifica instalação de luz "Wizard" melhoramento cuja falta há muito ali se fazia sentir.

Rendimentos dos operários

Recebeu curativo no banco do hospital de S. José, João Bispo, de 18 anos, trabalhador, residente na rua Augusta, 243, que na Companhia Mercantil Predial ficou muito queimado, tendo-lhe sido aplicado em todo o corpo um motor.

Na enfermaria de Santo António faleceu ontem Joaquim Lopes, de 17 anos, serralheiro, residente no bairro João Alves, Pedrocos, que no dia 17 de Novembro último foi colhido por uma correia na fábrica de conservas ao Bom-Sucesso.

Diz dia que vão para o Tejo...

A BATALHA
no Porto

Os operários da indústria de calçado, couros e peles constituem definitivamente o seu sindicato único.

PORTO, 9. — Como anteriormente tinha sido anunciado, efectuou-se, no dia 7, no salão dramático de Santa Helena, uma importante reunião dos operários da indústria de calçado, couros e peles, para procederem à definitiva constituição do respectivo Sindicato Único. Para que a referida reunião atingisse a maior importância possível, foi distribuído um manifesto, em que se salientava a prática outros benefícios no mais curto espaço de tempo. Lembra a todos os sindicatos e secções dessa indústria que estão em contacto com a comissão de Federação, para bom êxito dos trabalhos efectuados, deliberado em conformidade dos ofícios já enviados, caso necessitarem delegados.

Manipuladores de pão — Reuniu a direcção que se ocupou de diversos assuntos de interesse para a classe, entre os quais a nomeação de delegados para conseguir um número amparante.

Os operários manipuladores de tabaco vão para a greve

Realizou-se hoje o funeral da sr. Ana Joaquina da Silveira, filha do nosso camarada João Duque de Almeida, empregado sindicato.

Realizam-se hoje os seguintes fúnebres:

Virgílio Pereira Marçal, praticante a exploração da C. P., às 14, da rua Vieira em Queluz; Manuel da Silva Pinho, enfermeiro da Cruz Vermelha, às 15, do hospital São José; António Ferreira, às 14, do hospital Escorial; D. Silveira, em Queluz; António Ferreira, em Queluz; António Ferreira, às 14, do hospital do Rego; Vito de Almeida, em Vila Franca de Xira, 22; Joaquim Pereira, às 14, da Cruz de Peira.

Realizam-se hoje os seguintes fúnebres:

Virgílio Pereira Marçal, praticante a exploração da C. P., às 14, da rua Vieira em Queluz; Manuel da Silva Pinho, enfermeiro da Cruz Vermelha, às 15, do hospital São José; António Ferreira, às 14, do hospital Escorial; D. Silveira, em Queluz; António Ferreira, às 14, do hospital do Rego; Vito de Almeida, em Vila Franca de Xira, 22; Joaquim Pereira, às 14, da Cruz de Peira.

Realizam-se hoje os seguintes fúnebres:

Virgílio Pereira Marçal, praticante a exploração da C. P., às 14, da rua Vieira em Queluz; Manuel da Silva Pinho, enfermeiro da Cruz Vermelha, às 15, do hospital São José; António Ferreira, às 14, do hospital Escorial; D. Silveira, em Queluz; António Ferreira, às 14, do hospital do Rego; Vito de Almeida, em Vila Franca de Xira, 22; Joaquim Pereira, às 14, da Cruz de Peira.

Realizam-se hoje os seguintes fúnebres:

Virgílio Pereira Marçal, praticante a exploração da C. P., às 14, da rua Vieira em Queluz; Manuel da Silva Pinho, enfermeiro da Cruz Vermelha, às 15, do hospital São José; António Ferreira, às 14, do hospital Escorial; D. Silveira, em Queluz; António Ferreira, às 14, do hospital do Rego; Vito de Almeida, em Vila Franca de Xira, 22; Joaquim Pereira, às 14, da Cruz de Peira.

Realizam-se hoje os seguintes fúnebres:

Virgílio Pereira Marçal, praticante a exploração da C. P., às 14, da rua Vieira em Queluz; Manuel da Silva Pinho, enfermeiro da Cruz Vermelha, às 15, do hospital São José; António Ferreira, às 14, do hospital Escorial; D. Silveira, em Queluz; António Ferreira, às 14, do hospital do Rego; Vito de Almeida, em Vila Franca de Xira, 22; Joaquim Pereira, às 14, da Cruz de Peira.

Realizam-se hoje os seguintes fúnebres:

Virgílio Pereira Marçal, praticante a exploração da C. P., às 14, da rua Vieira em Queluz; Manuel da Silva Pinho, enfermeiro da Cruz Vermelha, às 15, do hospital São José; António Ferreira, às 14, do hospital Escorial; D. Silveira, em Queluz; António Ferreira, às 14, do hospital do Rego; Vito de Almeida, em Vila Franca de Xira, 22; Joaquim Pereira, às 14, da Cruz de Peira.

Realizam-se hoje os seguintes fúnebres:

Virgílio Pereira Marçal, praticante a exploração da C. P., às 14, da rua Vieira em Queluz; Manuel da Silva Pinho, enfermeiro da Cruz Vermelha, às 15, do hospital São José; António Ferreira, às 14, do hospital Escorial; D. Silveira, em Queluz; António Ferreira, às 14, do hospital do Rego; Vito de Almeida, em Vila Franca de Xira, 22; Joaquim Pereira, às 14, da Cruz de Peira.

Realizam-se hoje os seguintes fúnebres:

Virgílio Pereira Marçal, praticante a exploração da C. P., às 14, da rua Vieira em Queluz; Manuel da Silva Pinho, enfermeiro da Cruz Vermelha, às 15, do hospital São José; António Ferreira, às 14, do hospital Escorial; D. Silveira, em Queluz; António Ferreira, às 14, do hospital do Rego; Vito de Almeida, em Vila Franca de Xira, 22; Joaquim Pereira, às 14, da Cruz de Peira.

Realizam-se hoje os seguintes fúnebres:

Virgílio Pereira Marçal, praticante a exploração da C. P., às 14, da rua Vieira em Queluz; Manuel da Silva Pinho, enfermeiro da Cruz Vermelha, às 15, do hospital São José; António Ferreira, às 14, do hospital Escorial; D. Silveira, em Queluz; António Ferreira, às 14, do hospital do Rego; Vito de Almeida, em Vila Franca de Xira, 22; Joaquim Pereira, às 14, da Cruz de Peira.

Realizam-se hoje os seguintes fúnebres:

Virgílio Pereira Marçal, praticante a exploração da C. P., às 14, da rua Vieira em Queluz; Manuel da Silva Pinho, enfermeiro da Cruz Vermelha, às 15, do hospital São José; António Ferreira, às 14, do hospital Escorial; D. Silveira, em Queluz; António Ferreira, às 14, do hospital do Rego; Vito de Almeida, em Vila Franca de Xira, 22; Joaquim Pereira, às 14, da Cruz de Peira.

Realizam-se hoje os seguintes fúnebres:

Virgílio Pereira Marçal, praticante a exploração da C. P., às 14, da rua Vieira em Queluz; Manuel da Silva Pinho, enfermeiro da Cruz Vermelha, às 15, do hospital São José; António Ferreira, às 14, do hospital Escorial; D. Silveira, em Queluz; António Ferreira, às 14, do hospital do Rego; Vito de Almeida, em Vila Franca de Xira, 22; Joaquim Pereira, às 14, da Cruz de Peira.

Realizam-se hoje os seguintes fúnebres:

Virgílio Pereira Marçal, praticante a exploração da C. P., às 14, da rua Vieira em Queluz; Manuel da Silva Pinho, enfermeiro da Cruz Vermelha, às 15, do hospital São José; António Ferreira, às 14, do hospital Escorial; D. Silveira, em Queluz; António Ferreira, às 14, do hospital do Rego; Vito de Almeida, em Vila Franca de Xira, 22; Joaquim Pereira, às 14, da Cruz de Peira.

Realizam-se hoje os seguintes fúnebres:

Virgílio Pereira Marçal, praticante a exploração da C. P., às 14, da rua Vieira em Queluz; Manuel da Silva Pinho, enferme